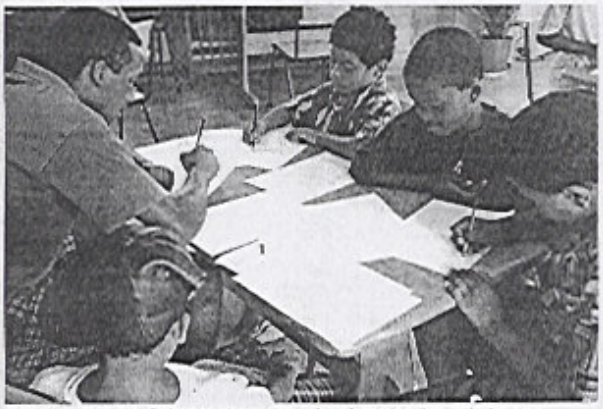
Novos Horizontes na Cova da Moura

Postura crítica e negativa substituída por autonomia

O conceito empowerment vem ao de cima quando se fala na questão da inserção das populações desfavorecidas. Este espírito de participação tem sustentado alguns projectos, como o da Associação Cultural Moinho da Juventude e da Associação de Solidariedade e Acção Social de Santo Tirso. No empreendimento dos projectos surgem vários entraves, como sejam a ligação com o poder central e a dificuldade em mudar atitudes e comportamentos.



Um momento em que «Ensinam as crianças a ser mais autónomas e activas, estimulam a sua participação na tomada de decisões».

«Antes tinham uma postura crítica e negativa em relação a si mesmos, agora estão mais autónomos, empreendedores não só em termos profissionais, pois todos eles conseguiram emprego, mas também pessoais e sociais», declara ao **Notícias da Amadora** Isabel Rodrigues, representando o projecto «Novos Horizontes» da Associação Cultural Moinho da Juventude.

«Novos Horizontes» é um projecto financiado pelo Rota Integra, desenvolvido no município da Amadora, mais concretamente no Alto da Cova da Moura, na freguesia da Buraca.

Procurando saber o que ali se fez, o N.A foi até à associação. Uma placa com o nome anunciava a sua presença, todavia estava deserta. A acção desenvolvida ser-lhes-ia mais fácil junto à rua. Moradores de subir as escadas, que davam acesso às salas, estava pintada numa parede um graffiti. A localização da água, a doçura de um golfinho, a singularidade de um coração. Palavras inscritas: «Novos Horizontes».

Já dentro das instalações, ouvem-se comentários em inglês e francês. Estava a decorrer a «5ª reunião do Grupo Internacional de Empowerment». O objectivo era o de analisar processos e acções desenvolvidos junto dos grupos desfavorecidos, em 11 dos Estados Membros europeus, por forma a se fazer o levantamento das necessidades, identificar prioridades, criar uma grelha de indicadores e acções para o 3º Quadro Comunitário de Apoio», explica António Sousa, técnico do Rota Integra.

O projecto levado a cabo na Cova da Moura, desenvolveu-se entre Dezembro de 1995 e Maio de 1998, sendo por grupo alvo, 12 dos habitantes deste bairro, na sua maioria cabo-verdianos, com idades compreendidas entre 18 e 22 anos. O trabalho desenvolvido visava a qualificação profissional de jovens, bem como a sua integração profissional, por via de processos diversos de formação. «A ideia não é a de vender a formação em pacote. Eles é que vêm de dentro o que querem, têm de participar activamente no trabalhar do seu próprio destino», garante António Sousa.

Como explica Isabel Rodrigues o plano teve três fases distintas, a da formação, a da criação do núcleo «Novos Horizontes», e a da criação de uma empresa de catering. «Esta última fase não resultou tão bem como as restantes, porque apesar de autónomos ainda não se sentiam completamente preparados». Optaram por uma pequena empresa, com comida tradicional cabo-verdiana que serve por acasião de alguns acontecimentos especiais, «a semelhança da tasca de hoje».

A primeira fase foi a da formação de mediadores, com médias que foram desde a saúde à etnia, por um período aproximado de dois meses. No final, estagiaram em algumas escolas, onde foram montados stands de saúde, educação, justiça, onde prestavam auxílio às crianças e jovens. «Ensinam da vacinação, de questões de legislação, planeamento familiar». Sarmentia, a ideia de organizar o núcleo «Novos Horizontes», que ainda está a funcionar. As escolas mostram-se satisfeitas com o trabalho dos mediadores, considerando este trabalho impressionável. São eles que fazem a ligação escola/família, «mas não tem sido fácil. Muitas vezes o mediador tem que se sentar e ser um pouco mais o carinho, que não lhes ensinamos, o conceito de empowerment, de participação activa e efectiva». «Ensinam as crianças a ser mais autónomas e activas, estimulam a sua participação na tomada de decisões».

Mas apesar de as escolas requererem e aplaudirem o trabalho dos jovens, a verdade é que «ainda não conseguimos contratação a sua condição é precária. No final de cada ano lectivo muitas vezes se vão sem um tostão, além dos atrasos no pagamento dos salários». Factores desmotivadores, «uma empresa no outro dia disse-me que talvez colaborasse a trabalhar nas empresas porque era um emprego mais certo e pagavam melhor. Alguns chegam, contrariamente, a vitória sem saber a dúvida. «Conseguimos conquistar eles, mudar algumas atitudes e comportamentos. Acreditamos nos próprios, se arranjam um emprego onde ajudam pessoas que vivem o que eles já viveram», mas logo «em o entrave da ligação com o poder central. «A Câmara tem ajudado, mas é preciso mais».

É preciso continuar a pressionar a Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL), «pois que o apoio prestado pelos nossos formadores tem de começar logo no Pólo. É um trabalho indispensável e deve ser de prevenção e não remediação».

A realidade de Santo Tirso

Ainda no âmbito da Rede Nacional de Empowerment, destaca-se um outro projecto, o do Gabinete de Acção Social, da Associação de Solidariedade e Acção Social, de Santo Tirso. Aqui a realidade é outra. «São trabalhadores que aos 40 anos são mandados para casa. Não organizando a realidade das crianças multiétnicas e abandonadas devido a problemas, que na maior parte dos casos têm a ver com o alcoolismo», declara ao N.A. Gilda Torres, secretária geral da instituição.

O projecto desenvolvido desde 1996, e com o término aprovado para final deste ano, tem várias vertentes. Com o intuito de atender a população desfavorecida e a encaminhar para as entidades competentes, criou-se o Gabinete de Acção Social. «Ajudamos muito pessoas que se encontravam de costas voltadas umas para as outras, e por isso houve a preocupação em criar uma rede de comunicação informal entre todos». Uma tarefa encarregada «agora há articulação».

Depois de uma pequena dinamização com as redes locais e estabelecidas parcerias, começaram as acções vindas para a população. Neste âmbito, têm uma vertente compensatória para «sobretudo agregados de longa duração, na ajuda do preenchimento dos tempos livres. «Pólos, por exemplo, como voluntários da Cruz Vermelha», outra vertente destina-se aos jovens licenciados à procura do 1º emprego; e «temos também acções de animação sócio-cultural».

Relativamente aos jovens licenciados, a preocupação «é de os encaminhar para a sua verdadeira vocação, mesmo que não correspondam ao curriculum». Para tal, com a participação da Associação Nacional dos Jovens Empresários e da Deloitte, uma empresa de consultoria, a associação tem motivado alguns jovens para criação do seu próprio emprego.

«A maior dificuldade perde-se com o facto de grande parte da população não querer as soluções apresentadas. É o problema de saber se se está a trabalhar com a realidade ou com uma suposta realidade».

ALEXANDRA BENTO

Empenho na prossecução de projectos

«O pouco tempo que tive para [illegible]. Vários projectos são desenvolvidos com muito empenho e dedicação de todos», esta declaração extraída do boletim informativo do Moinho da Juventude, surge como lema desta associação.

São vários os projectos desenvolvidos. Por altura das férias, um grupo de animadores falou-se o projecto «Vento-Duraturmos», entre os 80 e os 200 horas, cerca de 50 jovens são envolvidos em várias actividades de alfabetização e de ocupação de tempos livres.

Durante o período escolar, a dinamização fica a cargo do «Ninho dos Jovens». Oramários de Trabalhos Manuais, Expressão Plástica, Jardinagem e Informática, os sonhos de Futebol de Cinco Feminino, dão cor ao espaço. Para encerrar o ano lectivo seguiram a «Escapadinha de 4 dias» em Sines, a qual promoveu o convívio entre os jovens participantes, o contacto com a comunidade local e a natureza.

No âmbito da inserção no mercado de trabalho, surgiram as Unidades de Inserção na Vida Activa, ao nível da formação profissional, estágios, criação de projecto de emprego, moeda e divulgação das efectas existentes no mercado.

Também neste sentido, participaram junto das entidades competentes quando necessário relativamente ao «Projecto CREDIT - Acreditação para Auxiliares de Educação». Preocupam-se igualmente com a educação de adultos, procurando através do projecto «Sócrates», uma melhor integração europeia do adulto analfabeto via cooperação transnacional.

E porque as crianças de hoje são os adultos de amanhã, a associação desenvolve ainda o projecto «Pala», cujo objectivo é o de acompanhar as crianças e as famílias, estimulando a aprendizagem. Uma série de iniciativas como o mercado-flea, animação social, emocional, e profissional das que por vezes são esquecidas.